

Resenha

“Ministrando contra o(s) império(s) - A dimensão política em Pierre Bourdieu”

Resenha do Livro “O Mistério do Ministério – Pierre Bourdieu e a Política Democrática¹”, de Loïc Wacquant (Org.).

*Dmitri C. Fernandes*²

Neste momento de massiva infiltração das vulgatas neoliberais - até mesmo nos discursos pretensamente acadêmicos de determinados economistas, filósofos, sociólogos e cientistas políticos -, quando ainda se é propalado o fim da história, a inexorabilidade da “globalização”, a via única de redenção política e econômica, eis que surge, oportunamente, uma obra crítica que não se limita ao ingênuo denunciamento ou às inócuas críticas idealistas. “O Mistério do Ministério – Pierre Bourdieu e a Política Democrática”, livro organizado por Loïc Wacquant, pode ser compreendido como uma ferramenta sociológica de desnaturalização dos mitos liberais que sorrateiramente se alojam em todos os domínios da vida cultural. Por outro lado, tenta ser também uma espécie de coroação e encaixe explicativo da dimensão política contida na *œuvre* de Pierre Bourdieu. Formado basicamente por artigos, tanto de antigos colaboradores quanto do próprio Bourdieu, este livro tem a pretensão maior de demonstrar o quão fecundamente pode vir a se tornar uma Ciência Política orientada pelos diversos instrumentos heurísticos desenvolvidos pelo sociólogo francês ao longo de sua carreira intelectual.

Decididamente não é o ineditismo dos artigos componentes do livro o que mais chama atenção à primeira vista. Ainda que “O Mistério do Ministério” seja um lançamento mundial recente, de 2005 – o organizador escolheu o Brasil como o local pioneiro para a publicação – alguns capítulos, como “A Astúcia da Razão Imperialista”, são já conhecidos do público brasileiro. Isso, contudo, não compromete a construção do livro orquestrada por Wacquant. Pinçando artigos que exemplificassem a potencialidade científica no tratamento da política na obra de Bourdieu, Wacquant desejou sublinhar as possibilidades inscritas para a abertura de caminhos transformadores de tal sociologia militante. Dito de outra forma, não se trata apenas de esmiuçar teórica-

¹ Wacquant, Loïc (org) - *O Mistério do Ministério – Pierre Bourdieu e a Política Democrática* – Tradução de Paulo Cezar Castanheira, Editora Revan, Rio de Janeiro, 2005, 230 páginas.

² Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH-USP. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP. Email: dmitricf@usp.br.

mente a feição política contida na obra de Bourdieu, tentando desse modo esquematizar um pensamento dificilmente esquematizável. Wacquant ensaiou apreender por meio dos textos escolhidos, conforme já afirma na esclarecedora “Introdução”, dar a conhecer os “recursos intelectuais inexplorados que permitem repensar e renovar as lutas democráticas” (p. 13) presentes na obra de Bourdieu.

Não obstante poder-se considerar este um livro de “intervenção”, a pura e simples apologia anticapitalista ou antiglobalização não se faz presente em nenhum momento. Wacquant, tanto na confecção quanto na seleção dos textos, foi cioso em não se deixar enredar pelas divisões operadas artificialmente pelos dois freqüentes equívocos do academicismo: tanto aquele que deixa de lado da análise a dimensão política, que *a priori* “contaminaria” a pureza da discussão sociológica, quanto aquele que trata o elemento político politicamente, sem uma maior acuidade no uso das ferramentas analíticas. A aplicação de uma sociologia zelosa dos procedimentos epistemológicos pode ser entrevista por meio da hábil utilização dos conceitos fundamentais de campo, *habitus*, posição, disposição, dominação, capital, poder simbólico etc., presente em todos os artigos. Este arsenal teórico é testado em diversas frentes, comprovando sua eficácia e aplicabilidade em distintas situações de análise.

Assim, no capítulo de abertura Loïc Wacquant realiza uma retomada biográfica de Bourdieu, entrelaçando-a com o significado de sua obra. Propondo uma distinção tripartite de sua contribuição, quais sejam, as opiniões políticas de cunho pessoal, a dimensão política contida *na* sua obra e as conseqüências políticas advindas *da* sua obra, Wacquant ressalva o radicalismo democrático que transpassou e animou todas estas dimensões. As críticas diversas levadas a cabo ao longo de sua carreira (p.ex., as desconstruções efetuadas contra as pré-noções utilizadas pela ciência política e econômica, o questionamento à existência de uma determinada “opinião pública” e a análise do papel social dos porta-vozes e intelectuais) estariam assim alojadas na base de uma teoria maior, que enxergaria a própria realidade social como produto do trabalho coletivo de construção cognitiva. Bourdieu teria, sobretudo, se preocupado com o desvendamento das distintas formas de dominação simbólica que se manifestam nos diversos campos constituintes da vida social. No decorrer de sua vida, com a maior acuidade analítica adquirida por meio das inúmeras pesquisas realizadas, ele pôde se dedicar com maior autoridade ao ativismo contra o que considerava as formas de naturalização - logo, instrumentos de dominação - do mundo social, representadas ultimamente pelas políticas neoliberais. De suas vivências, o sociólogo aprendeu que a luta pela universalização da capacidade de se pensar e agir politicamente deveria ser o fim explícito de suas atividades, com vistas à construção de uma democracia de fato.

O segundo e o terceiro capítulos são artigos do próprio Pierre Bourdieu. Em “Da Casa do Rei à Razão do Estado: Um Modelo da Gênese do Campo Burocrático”, Bourdieu lança mão de comparações históricas ao molde das utilizadas por Max Weber na incansável argumentação presente em sua sociologia comparada das religiões. O escrutínio da passagem do poder pessoal, investido anteriormente na genealogia real - corporificada no formato de uma “casa” -, para o impessoal, o da ordem da

dominação racional-burocrática, dá o mote deste artigo de 1993. A passagem da lógica dinástica para a moderna encontra-se cheia de contradições, que são resolvidas lentamente no seio da formação institucional de dominação estatal. Para o público brasileiro o assunto é bem relevante, principalmente ao fornecer um novo modelo de análise para a antiga questão da não-formação de uma esfera pública “autêntica” por estas plagas.

Já no artigo que inspira o nome do livro “O Mistério do Ministério: Das Vontades Particulares à Vontade Geral”, Bourdieu retoma o ponto de partida que fornece a marca registrada de sua sociologia: a dúvida radical levada a cabo contra os “fatos” aparentemente mais “naturais”. Por meio de fortes inspirações durkheimianas, Bourdieu coloca em questão a prática do voto nas sociedades tidas como “democráticas”. Partindo da crítica à *rational choice* - moda teórica do momento que enxerga o voto como a compra individual de um bem ou um serviço qualquer - Bourdieu complexifica uma questão aparentemente já resolvida, traçando uma divisão entre o ato de votar e as condições sociais de produção do voto. Contra as visões atomísticas, redutoras do indivíduo à condição de “partícula” maximizadora de lucros egoístas, Bourdieu traça algumas possibilidades de construção de representação realmente democrática para fugir às antinomias da pura delegação, engendradora da “inação” cara às democracias ocidentais.

No quarto capítulo, Thierry Discepolo e Franck Poupeau retornam à temática de abertura do livro. As tomadas de posição políticas realizadas por Bourdieu em sua obra e decorrentes de sua vida pública são destacadas nesta parte. Enxergar como se procedeu a conversão dos impulsos sociais de Bourdieu em críticas e ações sociologicamente fundamentadas é o alvo principal que os dois autores perseguem em sua argumentação. O levantamento das ácidas críticas dirigidas aos “doxósofos” (profissionais da fabricação da opinião que produzem a ideologia ajustada aos dominantes, p.90) conjuga-se aqui com as lutas institucionais travadas pelo sociólogo visando a autonomia do fazer acadêmico, como as tentativas para o estabelecimento de uma “Internacional dos Intelectuais” e a fundação de sua casa de edição independente, a “*Raisons D’Agir*”.

Os dois capítulos seguintes são modelos de aplicações dos princípios teóricos de Bourdieu a objetos específicos. Olivier Christin em “De que Adianta Votar nos Séculos XVI-XVIII?” retoma de forma original a argumentação de Bourdieu a respeito da diferenciação do ato de votar. Demonstrando que as eleições que se realizavam naqueles séculos na Europa tinham por princípio a preservação das formas corporativas que compunham aquela sociedade, Christin focaliza o trabalho coletivo de construção do voto no Antigo Regime. Conclui que o preconizado “indivíduo livre”, substrato eternizado de teorias atuais da democracia, não existe fora da história. Já Patrick Champagne versa sobre os usos sociais das chamadas “pesquisas de opinião”, que minariam a construção de uma democracia de fato no mundo atual. Traçando a gênese desta prática e de sua enorme difusão, Champagne baseia-se nos questionamentos enfáticos desenvolvidos por Bourdieu em um polêmico artigo publicado em 1973 (BOURDIEU, 1973). Demonstra assim que a pseudocientificidade característica destas pes-

quisas aliada aos usos ideológicos levados a cabo pela imprensa, pelos *lobbies* e grupos de pressão resultaria na imposição de uma visão de mundo conservadora e na decorrente desmobilização política da atualidade.

Já em outro capítulo, Wacquant recupera os argumentos políticos presentes nos escritos sobre educação de Bourdieu, mais especificamente no clássico “*La Noblesse D’État*” (BOURDIEU, 1989), que infelizmente não possui tradução para o português. Wacquant desvenda as maneiras pelas quais as instituições simbólicas que idealmente forjariam os princípios da universalização e da igualdade nas nações desenvolvidas auxiliam na constituição e na perpetuação da desigualdade estrutural nestes mesmos países. Traçando ainda um breve debate com as contribuições de Durkheim, Foucault e Althusser, Wacquant demonstra como Bourdieu pôde desenvolver teoricamente um modo de ultrapassar a perene dualidade presente na teoria sociológica que contrapõe artificialmente indivíduo e estrutura social. Gil Eyal, em seguida, mostra-nos uma realidade longínqua: por meio do conceito de campo político ele traça uma explicação dos dilemas que levaram ao processo de dissolução da Tchecoslováquia em duas repúblicas no pós-comunismo. Além de reunir diversas informações sobre a reconstrução da história política recente deste finado país, o artigo é válido como modelo bem sucedido de análise sociológica.

Fechando o livro, há ainda o polêmico “As Artimanhas da Razão Imperialista”, parceria de Wacquant e Bourdieu. Discorrendo sobre o atual domínio norte-americano na imposição da problemática, da linguagem e da agenda acadêmicas e intelectuais, os autores percorrem uma trilha argumentativa baseada em dados precisos sem cair na mera acusação ou denúncia vazia de “imperialismo cultural”. Pela boa parte dedicada aos problemas encontrados nos estudos denominados - já através da influência norte-americana - “afro-brasileiros”, como os financiamentos de pesquisas dirigidos por instituições norte-americanas que impulsionariam a importação e a decorrente artificialidade do uso de conceitos estranhos à peculiar constituição histórica brasileira, este artigo já mereceria uma releitura. Acrescenta-se a essa razão a celeuma causada entre os estudiosos do assunto.

Embora falte ao livro um capítulo dedicado especialmente ao caso brasileiro ou, pelo menos, aos países subdesenvolvidos inclusos compulsoriamente na lógica da “*mondialisation*”, os estudos presentes servem de bom grado de inspiração para novos trabalhos que pretendam ter como base o instrumental crítico-analítico herdado de Pierre Bourdieu. Congregam ademais chaves explicativas para os livros de caráter intervencionista de Bourdieu, como os dois “Contrafogos” (BOURDIEU, 1998 e 2001), “Sobre a Televisão” (BOURDIEU, 1997) e “A Miséria do Mundo” (BOURDIEU et al., 2001). Ainda que o próprio Bourdieu pudesse não concordar com a existência de uma coerência geral que anime todas as ações políticas e produções bibliográficas no decorrer de uma trajetória pessoal, é inegável que este livro, de um modo ou de outro, demonstra que, mais do que talvez se imagine, o autor da “Ilusão Biográfica” (BOURDIEU, 1996) tenha conseguido obter tal façanha através de seu legado.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos – Táticas para Enfrentar a Invasão Neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Contrafogos 2 – Por um Movimento Social Europeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *La Noblesse D'État: Grands Écoles et Esprit de Corps*. Paris: Minuit, 1989.

_____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____, "L'Opinion Publique n'Existe pas". *Les Temps Modernes*, Paris, 318, 01 - 1973, pp.1292-1309.

BOURDIEU, Pierre et al. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 4ª ed., 2001.